

O PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE DE HANS JONAS: UM PRINCÍPIO ÉTICO PARA A CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA

Adriano Medeiros Alves¹
Canício Scherer²

RESUMO

No presente trabalho busca-se evidenciar o “princípio responsabilidade” de Hans Jonas (2006), no qual apresenta a tecnologia como agente alienador da humanidade, e que ela não contribui na formação de uma sociedade que seja considerada de fato sustentável, a respeito do seu desenvolvimento. A partir da perspectiva da obra citada, busca-se alcançar uma possível ética que possa ser considerada sustentável na sociedade tecnológica. Nesta pesquisa pretende esclarecer a proposta da obra acerca da sociedade tecnológica, assinalando a interligação entre os seres humanos e a natureza (meio ambiente), prezando a importância da sustentabilidade diante do avanço da tecnologia, tentando analisar a possibilidade de superação de alienação causada pela tecnologia, inferindo as exigências éticas decorrentes do princípio responsabilidade para as próximas gerações. A partir da análise da obra de referência do autor e de ampla literatura atinente ao tema, denuncia-se as consequências do crescimento exagerado da tecnologia e do seu mau uso, a ausência de uma preocupação no que se refere à importância do espaço físico para a existência da vida humana. Atesta-se que a civilização tecnológica, envolta pelo avanço exacerbado da técnica deslembra da seriedade que a sustentabilidade exige e que ela é imprescindível para a continuidade e garantia da vida para as gerações futuras. Assim, a partir do pensamento apresentado pelo teórico, no qual ele visa a formulação de uma nova ética, pautada na responsabilidade com o espaço físico, com o cosmo e com as gerações futuras, aponta-se os principais desafios para a sociedade atual.

Palavras-chave: Hans Jonas. Princípio responsabilidade. Sociedade tecnológica. Sustentabilidade. Gerações futuras.

ABSTRACT

This present work search for evidences of a “principle of responsibility” of Hans Jonas (2006), in which shows the technology as an alienated agent of humanity, and this don't contribute in the formation of a society that is considered sustainable, in respect to its development. From the perspective of the work quote, is trying to reach a possible ethic than can be considered sustainable in the technological society. This research intends to clarify the proposal of Hans Jonas work in the matter of a technological society, signing a match between human beings and the nature (the environment), looking for the importance of sustainability ahead of the advance of technology, trying to analyze the possibility to overcome the alienation caused by technology, inferring the ethnical exigencies from the principles of responsibility to the next generations. From the analyses of the author's reference work and the literature theme, we deny

¹ Graduando do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de Vitória. E-mail: adrianomsc98@gmail.com

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia: Ética. E-mail: cscherer@unisales.br

the consequences of the exaggerated growth of technology and its bad usage, the lack of preoccupation in what means the importance of the physical space for the existence of human's life. It is said that the technological civilization is surrounded by the exacerbated growth of technical that forgets the seriously way sustainability deserves and that it is important for the continuity and guarantee of life for the future generations. Then, from the thought that was shown by the theorist in which his goal is to formulate a new ethic guided by the responsibility with the physical space, with the future generations, point to the main challenge to our actual society.

Keywords: Hans Jonas. Principle responsibility. Technological society. Sustainability. Future generations.

1 INTRODUÇÃO

A pretensão deste artigo é apresentar a relevância do pensamento do filósofo contemporâneo Hans Jonas (1903-1993), a fim de debater a respeito da atualidade e desafios do "Princípio Responsabilidade" na sociedade tecnológica.

O estudioso desenvolve o seu pensamento baseado em um princípio ético, preocupado com o meio ambiente e com as gerações futuras. Segundo o autor, é preciso começar a preservar o espaço físico desde já, pois, se não averiguarmos nossas ações não existirá possibilidade de vida futura no planeta. Em sua obra Princípio Responsabilidade o teórico não nos diz o que fazer, mas como agir, pois, os seres humanos precisam ser responsáveis pelos seus atos (JONAS, 2006).

Hans Jonas também discorre sobre a "heurística do medo", relacionando este conceito às nossas ações e suas consequências. Neste sentido, segundo o autor, os homens só olham com responsabilidade a partir do medo, por exemplo: o sujeito não deve desmatar as florestas, porque sem as árvores haverá o aquecimento global, e isso afetará o meio no qual ele está inserido, pois, esse fato coloca em risco a vida humana na terra. Só através do medo o homem é capaz de vislumbrar o futuro e se preocupar com o planeta (JONAS, 2006).

O autor aponta ainda a revolução tecnológica como uma barreira para a sociedade. Sugere que com o avanço das tecnologias o homem se corrompe e não dá valor ao espaço físico no qual está inserido. É urgente o homem ressignificar suas condutas a respeito do avanço tecnológico, pelas quais de diversas maneiras deixa a desejar, assolando de forma significativa a sociedade e a vida futura do planeta (JONAS, 2006).

Dado o vasto e inevitável uso da tecnologia é preciso se indagar: será que o homem a está usando adequadamente? Ou será que está criando efeitos catastróficos para a humanidade? Essas são questões primordiais que devem ser refletidas, para que assim a sociedade possa se conscientizar diante desta questão, que por vezes passa despercebida.

Na presente pesquisa, busca-se refletir sobre o seguinte problema: a partir da perspectiva do “Princípio responsabilidade” em Hans Jonas, será possível existir uma ética que possa ser considerada sustentável na civilização tecnológica? Assim, tem-se como objetivo geral demonstrar a possibilidade, a partir da perspectiva do princípio da responsabilidade em Hans Jonas, de uma ética que possa ser considerada sustentável na civilização tecnológica. Os objetivos específicos traçados são: esclarecer a proposta de Hans Jonas, no “Princípio responsabilidade” acerca da sociedade tecnológica, assinalar a interligação entre os seres humanos e a natureza (meio ambiente), registrar a importância da sustentabilidade diante do grande avanço tecnológico, analisar a possibilidade de superação de alienação causada pela tecnologia e inferir as exigências éticas decorrentes do princípio responsabilidade para as próximas gerações.

A partir de uma análise esmerada da obra “Princípio responsabilidade” de Hans Jonas, é possível avaliar as relações entre espaço físico e sociedade, na perspectiva da vida em sua plenitude, não apenas no tocante ao tempo presente, mas também numa perspectiva histórica.

Este tema no campo social e acadêmico é de grande importância, pois está ligado à preservação do espaço físico das gerações futuras, e com o cuidado acerca do uso desenfreado das tecnologias. Observa-se que no contexto da coletividade, o ser humano precisa estar ciente das suas ações frente ao grande avanço tecnológico que de forma avassaladora vem tomando conta da vida humana. Concomitantemente é preciso preocupar-se com a continuidade da vida humana na terra, pois, com o uso pouco racional do conhecimento científico muitas vezes se esquece de contemplar o ambiente no qual os indivíduos estão inseridos. É necessário averiguar de maneira concreta e distinta a atuação dos seres, visando assim, a prevenção do prosseguimento da vida humana na terra.

No campo acadêmico, salienta-se a grande relevância do tema abordado, pois é algo que é dito nas instituições escolares, contudo não é posto em prática. E é de suma

importância refletir acerca deste fato que leva o ser humano enquanto tal a examinar de maneira concreta o que se espera, a partir da intervenção no meio pelo qual o indivíduo está inserido, é oportuno expor de forma convincente este “princípio responsabilidade”, em tempos onde o individualismo, capitalismo e o grande avanço tecnológico, proliferam na sociedade.

A abertura para estes respectivos argumentos é de grande importância, sendo que esses conceitos que abrangem toda a sociedade devem começar no âmbito escolar, para que se possa formar indivíduos conscientes de suas práticas. Almeja-se assim o bem-estar coletivo e a presença da sobrevivência da vida humana no espaço físico, prezando dessa forma, o bem de todos e principalmente pela continuidade da vida dos indivíduos na terra.

O estudo está baseado na análise e interpretação da obra “Princípio responsabilidade” e em ampla pesquisa bibliográfica atinente ao tema. A pesquisa se caracteriza como exploratória, em que serão manuseados livros e artigos científicos relacionados ao assunto tratado.

É sabido que pesquisa bibliográfica visa fazer com que o pesquisador entre em contato com as obras originais do autor nas quais se baseia, levando-o a interpretar sua tese no contexto da realidade atual. É de suma importância salientar que, com o uso da pesquisa bibliográfica, o pesquisador adquira um amplo conteúdo de estudo, visando assim um conhecimento mais aprofundado do autor estudado, como afirmam Marconi e Lakatos (2003, p. 182): “Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

O caminho percorrido na análise da obra e na condução das reflexões é o do método dedutivo. Sobre este método, afirma Gil (2008, p. 28):

O método dedutivo, de acordo com a acepção clássica, é o método que parte do geral, e desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica [...].

A partir desse método é imprescindível discorrer sobre o conceito do mesmo em uma pesquisa científica, pois, este método tem como objetivo criar teorias para explicar a realidade, ou seja, ele levanta um raciocínio ou estudo sobre algo, e a partir destes pressupostos, tende a chegar a um resultado ou conclusão. Este método é relevante

para esta análise, pois parte de uma conclusão logicamente correta, em um ou mais argumentos.

Hans Jonas (2006) afirma que é imprescindível falar sobre responsabilidade, assim como respeito e o cuidado com o meio ambiente e com as gerações futuras. Por conseguinte, ele afirma que o ser humano é responsável pelas suas ações e que deve preservar o espaço físico em que habita e zelar com o cuidado pelo futuro do ecossistema. Mas, para que haja espaço físico para os pósteros, é oportuno começar a mudar as condutas aqui e agora.

2 A VISÃO DE HANS JONAS ACERCA DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Hans Jonas viveu durante quase todo século XX (1903-1993) e desempenhou grande influência no pensamento acerca do cuidado que se deve ter em relação ao avanço tecnológico e suas consequências para a vida do e no planeta.

Na obra “O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, publicado em 1979, Jonas fica extremamente atormentado com o agravo do domínio humano sobre a natureza, podendo acarretar sua destruição. No contexto em que se encontrava inserido, estavam acontecendo diversas catástrofes, e uma delas destacada por ele, é a respeito, das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki (1945) no Japão. Tais fatos permitiram a Jonas lançar um olhar crítico em relação ao desenvolvimento das tecnologias e seu uso naquela época (JONAS, 2006).

Frente ao crescimento exponencial das tecnologias, Jonas adverte os indivíduos em relação à expansão das ciências. Sugere que é de total relevância que a sociedade seja clara e distinta com relação a essa chamada “dinastia tecnológica”, ou seja, essa sequência pela qual a tecnologia está passando ao longo dos tempos. É necessário que a sociedade esteja ciente diante do constante avanço tecnológico, para que possa entender a importância desse fator, como se lê nas palavras de autores como Cunha e Moser, (2014. p. 7):

A possibilidade de tecnologias com tal potencial destruidor e devastador, como é o caso da energia nuclear, estaria evidenciando a necessidade de estruturação de uma nova ética, agora capaz de impor limites à evolução tecnológica acelerada e descontrolada. Já nas primeiras linhas do prólogo do Princípio Responsabilidade, Hans Jonas alertou para o fato de que a ciência e a técnica atuais, impulsionadas incessantemente pela atividade econômica, estariam movimentando forças nunca antes conhecidas, cujos efeitos

destrutivos remotos e cumulativos de sua intervenção sobre a natureza, passariam a exigir uma reflexão no campo da ética.

Consoante ao pensamento de Jonas e frente ao poder que a tecnologia possui, precisa-se ter atenção no que tange aos efeitos provocados pelo seu uso irresponsável ou descontrolado. Está bastante evidente que o aumento exponencial e a sua crescente influência em todos os campos da atividade humana, tem gerado um grande impacto na sociedade e no meio ambiente, fator este que por vezes os indivíduos não percebem, ou eventualmente não querem enxergar. Portanto, é de grande importância analisar os impactos e efeitos que ela está gerando para o espaço físico e conseqüentemente para a consciência humana.

Sobre a urgência em se atentar para o aspecto ético do uso da tecnologia, pontua Jonas (2006, p. 43): “Em outras palavras, mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela ocupa subjetivamente nos fins da vida humana”. A partir, dessa perspectiva apontada pelo autor, é de inegável relevância examinar os impactos da revolução tecnológica, realizando assim, algumas ponderações que podem ser feitas para que ela não gere situações que se tornem prejudiciais para o espaço físico e, ao mesmo tempo, para as gerações futuras.

Outro ponto que Jonas apresenta é a exaltação da *techné*, o triunfo do *homo Faber* sobre o *homo Sapiens*. Denuncia o pensador que diante desse triunfo de um sobre o outro, com o avanço tecnológico, o homem perde o seu verdadeiro eu, corrompido e negligenciado pela ciência. Observa-se que *homo Faber* se torna senhor do *homo sapiens*, que por sua vez se torna servil (JONAS, 2006).

Está latente que a sociedade contemporânea está cada vez mais inserida e dependente do constante avanço tecnológico, onde a tecnologia já não é algo exterior ao indivíduo, mas sim, acontecimentos e atitudes dela derivadas estão praticamente impressas nele. Neste sentido, conclui o autor, a hegemonia da técnica impede que a sociedade enquanto tal, olhe para si, para o outro, e para o universo, gerando assim, a perpetuação da “morte ecológica” (JONAS, 2006).

A natureza (meio ambiente), assim como a essência humana estão passando por várias transformações, que estão diretamente ligadas ao uso desenfreado das chamadas “grandes tecnologias”, que por sua vez, deixam a sociedade “cega”, insensível, pragmática, gerando assim pessoas dela dependentes. Nas palavras de

Jonas (2006, p. 57) “[...] o próprio homem passou a figurar entre os objetos da técnica. O *Homo Faber* aplica sua arte sobre si mesmo e se habilita a re-fabricar inventivamente o inventor e confeccionador de todo o resto”. E com isso, gera no ser humano um comportamento que não é natural, próprio, mas com o contato que ele tem por meio da tecnologia faz com que ele haja desta forma. A *techné* exerce função transformadora e altamente definidora da vida dos indivíduos, como por exemplo, por meio da manipulação genética.

Sobre a manipulação genética leciona Jonas (2006, p. 61): “Saber se temos o direito de fazê-la, se somos qualificados para esse papel criador, tal é a pergunta mais séria que se pode fazer ao homem que se encontra subitamente de posse de um poder tão grande diante do destino”. Essa questão afeta toda humanidade, e principalmente, o seu futuro.

À luz do exposto, nota-se que a sociedade deve se fazer a seguinte indagação: será que é moralmente certo realizar experimentos com seres humanos? Essa e outras investigações são de grande importância e urgência. Em suma, é possível perceber a que ponto o homem chegou e onde ele interfere de maneira incisiva/decisiva em sua própria natureza, podendo gerar efeitos catastróficos para si e para seus semelhantes.

A respeito do emprego da técnica enquanto tal, afirma Santos (2009, p. 283) “[...] Como qualquer faculdade ou capacidade dos seres humanos a técnica não é, em si, algo ruim e nem tampouco poderia ser rotulada *a priori* como ‘má’”. A partir da perspectiva desse autor e no que diz respeito ao que Jonas entende por técnica, pode-se proferir que técnica em si, não é considerada algo ruim, mas se for empregada de forma inadequada poderá gerar inferências negativas e antagônicas para os próprios indivíduos, e para o espaço físico no qual estão inseridos.

A extraordinária presença e influência da tecnologia na sociedade, está formando pessoas incapazes de se orientar por suas próprias vontades, aderindo aos apelos e estímulos da sociedade tecnológica e de consumo, alienando-as gestando assim, uma sociedade de seres que podem ser denominados como “máquinas”.

Conforme já apontado, a técnica age de tal forma que interfere em todos os campos da vida humana, por isso é importante proferir como ela se dá na humanidade, e quais são seus efeitos:

Em outras palavras, a ação humana potencializada pela técnica implica em que se reflita sobre a ameaça concreta à vida humana e a natureza. Além disso, tal reflexão não pode considerar apenas as consequências, sejam elas positivas ou negativas, para a civilização do presente, mas também as consequências possíveis para as gerações futuras. É sobre este caráter apocalíptico e catastrófico da técnica bem-sucedida que devemos refletir. Em lugar de permanecermos na posição segura - e ilusória - de quem controla a força da técnica, é preciso que desenvolvamos uma postura de reverência e de temor (SANTOS, 2009, p. 284).

Hans Jonas (2006) denuncia todo problema que o uso inconsequente da técnica gera no ambiente e na humanidade. Não se pode ficar preso aos recursos fornecidos por ela, pois há um conjunto de episódios que estão presentes na técnica e que interferem de forma contundente no agir humano. É necessário ter cuidado com todo este “poder” que dela emana, pois, se a sociedade humana ficar presa nessa rede promovida pelas tecnologias, será afetada de forma insolúvel a vida humana.

A partir do crescimento e emprego excessivo da ciência ficam as seguintes indagações às pessoas: quais são os benefícios que ela oferece? Será que está gerando consequências para a sociedade e para o planeta? São essas questões que a civilização deve se colocar (JONAS, 2006).

Outro ponto importante, que está ligado ao crescimento tecnológico, é acerca das máquinas que estão cada vez mais inseridas na sociedade e estas, por sua vez, agem de forma ativa no ambiente social, tomando o lugar das pessoas nas grandes indústrias e empresas. Pode-se dizer que os indivíduos não estão tendo mais uma atuação tão relevante, pois com o avanço da técnica estão produzindo máquinas para suprir a ação humana nesses espaços.

Denuncia o autor que, diante desta evolução, os indivíduos estão perdendo vagarosamente a sua originalidade, sua essência, e com isso se tornam seres alienados pela tecnologia que atua de forma contundente na vida humana. Assim, a partir dessa atuação, as máquinas estão superando e substituindo a atividade humana com grande vantagem econômica, pois as empresas, antes geradoras de emprego e renda, não visam os indivíduos, mas sim, o crescimento dos seus respectivos negócios, buscando mais e mais lucro para si. Quem perde mais com esse processo de modernização são os menos favorecidos e menos qualificados, perdendo as suas fontes de renda e sobrevivência (JONAS, 2006). Em suma, o autor interpela os indivíduos a agirem de forma precavida e cautelosa diante do avanço tecnológico. É preciso estar sempre atento aos sinais que o planeta vai manifestando.

Perante a crescente interferência humana na natureza com o uso da tecnologia, Jonas propõe a chamada “heurística do medo”, com a qual ele quer apontar ações que contribuam para a continuidade da vida humana na terra.

Jonas ainda chama a atenção de toda a sociedade, para que os indivíduos ajam sempre com cautela acerca de suas ações em vista do risco que elas podem apresentar às futuras gerações. A isso ele dá o nome de “heurística do temor”, A esse propósito, afirmam Battesttin e Ghiggi, em seu artigo publicado em 2010 (p. 75): “A heurística do medo é considerada viável para o descompasso entre a previsão e o poder da ação. A categoria heurística do medo é a capacidade humana de solucionar problemas imprevistos, servindo como critério seguro para a avaliação dos perigos apresentados pela técnica.” Nesse caso, “[...] o medo se torna a primeira obrigação preliminar de uma ética da responsabilidade. É do medo (...) que deriva a atitude ética fundamental, repensada a partir da vontade de evitar o pior” (BATTESTIN; GHIGGI, 2010, p. 76).

Nesta perspectiva, o ser humano só valoriza algo por conta do “medo”, por exemplo: os indivíduos não jogam lixo na rua porque quando vier a chuva irá provocar alagamentos, atingindo, conseqüentemente as suas casas. Jonas diz isso da seguinte maneira: “Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que isto ou aquilo está em jogo” (JONAS, 2006, p. 71). Depreende-se que todos os atos praticados pela sociedade, precisam estar em conformidade com o seu próprio bem, o bem comum.

Portanto, a heurística do medo é muito útil, mas nem sempre é utilizada como apresenta o autor. Se sabemos que a tecnologia afeta a maneira pela qual as pessoas agem, por que vêm aumentando as catástrofes geradas por ela? Isso é fruto das ações praticadas pelo homem, e que devem ser abordadas para que a humanidade possa se questionar.

3 A CORRELAÇÃO ENTRE OS SERES HUMANOS E A NATUREZA

Jonas entende a natureza como algo de fundamental relevância para a vida humana. Essa (a natureza) por sua vez, deveria ser aquilo que guia todos os indivíduos por fazer parte do seu habitat natural. A sociedade não consegue sobreviver sem ela. Os seres vivos necessitam de uma série de condições para sobreviverem, tais como: ar

fresco, água, alimentos, entre outras coisas, para garantir sua vida, e isso só a natureza pode oferecer. No entanto, o ser humano não consegue ter clareza e distinção a esse respeito. Para ele a natureza se tornou algo insignificante, no que diz respeito ao cuidado que se deve ter com ela. Em meio a essa inconsciência que a humanidade tem acerca do ambiente natural, Jonas alerta sobre a importância que a terra, o meio ambiente tem na vida da humanidade (JONAS, 2006).

A natureza com sua ampla diversidade de riquezas deveria ser aquilo que a sociedade mais preza, pois é nela e dela que a humanidade sobrevive. Ao longo do tempo, com o avanço das tecnologias, energias nucleares, fábricas e cidades, o ambiente natural foi perdendo sua transcendência para a espécie humana. Não é em vão que Jonas (2006) coloca em destaque em seu pensamento a “cidade”, ou seja, no artefato social, o lugar onde pessoas interagem apenas com outras pessoas.

A partir dessa observação feita em seu livro, Jonas comenta que tudo o que acontece na cidade faz com que os indivíduos se distanciem completamente da sua verdadeira essência. Segundo Jonas, é na cidade que nasce a ética tradicional, uma ética voltada somente para si, desprezando aquilo que está presente ao seu redor e isso forma uma ética antropocêntrica. Para o filósofo, a cidade não contribui, não colabora efetivamente com a vida sustentável do planeta. Esta, por sua vez visa somente o seu próprio interesse e não o conjunto (JONAS, 2006).

Ainda segundo o autor, com o avanço da técnica a natureza se tornou vulnerável. As pessoas intervêm de forma abrangente e predadora em toda a natureza. A partir dessa intervenção, o espaço físico se torna alvo da ação humana que só está interessada em si mesma, e não se dá conta de que, se a natureza passa por transformações que levam à sua destruição, os membros que dela participam também irão sofrer com esses episódios. Mesmo que todas essas transformações causadas pela espécie humana não surjam de forma imediata, com o passar do tempo irão aparecer e aos poucos causarão o que pode-se chamar de “morte ecológica”. É preciso ter um olhar concreto acerca do agir, a respeito da *práxis* (prática) humana sobre a natureza e suas consequências (JONAS, 2006).

Mediante o crescimento das técnicas e através dos vários meios utilizados pelas pessoas e que levam à destruição da natureza, a Igreja por sua vez, também faz um apelo em defesa desta causa. Defesa em que ela visa o cuidado com tudo que está ligado com os seres humanos. Esse ano, como de costume a Campanha da

Fraternidade 2020, com o tema “Fraternidade e vida: dom e compromisso”, defende de forma contundente a vida, a natureza e os mais pobres.

[...] Trata-se de uma verdadeira responsabilidade pela criação, de acordo com a qual, a Igreja não tem o compromisso de promover apenas a defesa da terra, da água e do ar. Seu dever sagrado inclui contribuir para proteger as pessoas de uma possível destruição de si mesma. Isso porque, quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, beneficia-se também a ecologia ambiental [...] (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2019, p. 69).

Com a influência da sociedade no ambiente natural, quem mais sofre são aqueles mais pobres que estão à sua margem, pois com a “cultura do desperdício” vai aumentando de forma avassaladora a fome, o desemprego, sem contar o número de pessoas desabrigadas vítimas daqueles que não têm consciência perante seus semelhantes, formando assim, indivíduos indiferentes com a dor do outro.

Em meio a uma sociedade onde grande parte preza apenas a economia, os ganhos e não a vida, o avanço tecnológico e não o *cosmo* (universo), é urgente formular e levar em frente uma ética da responsabilidade, que englobe tudo que vai ao encontro da preservação dos seres vivos e da natureza como um todo (JONAS, 2006).

Jonas, ao tratar da natureza visa sempre o cuidado com tudo que está ligado à sua preservação e no que se refere a natureza humana. Não importa qual o partido político ou ideologia que se defenda. É dever das pessoas agir e cuidar do seu próprio espaço no qual a sociedade está inserida (JONAS, 2006).

Diante da abusiva ação humana sobre a terra, há uma variedade de possibilidades de interferência na esfera natural. Cita-se aqui, o crescimento exacerbado do capitalismo que visa sempre o seu próprio lucro e interesses imediatos, contribuindo decisivamente no empobrecimento daqueles que estão à margem da economia que cresce cada vez mais, resultando em um país cada vez mais rico com uma população cada vez mais pobre.

Pode-se exemplificar os problemas gerados na natureza, por exemplo, pelo agronegócio que tem como principal objetivo aumentar o retorno dos investimentos agropecuários, submergindo tudo na cadeia produtiva, interferindo de forma destrutiva na natureza com vários produtos químicos violando a lei das lavouras. Sobre este ponto, comenta Bombardi (2017, p. 54):

Somados, todos os casos de intoxicação notificados junto com o ministério da saúde, contabilizaram mais de 25 mil intoxicações por agrotóxicos, o que

significa uma média de 3125 por ano, ou 8 intoxicações diárias. Cabe esclarecer, entretanto, que se calcula que para cada caso de intoxicação notificada, tenha-se 50 outros não notificados. Isto significa uma subnotificação da ordem 1 para 50 [...].

O avanço do uso de agrotóxicos no planeta e principalmente no Brasil, afetam fortemente a população, gerando assim muitas doenças e mortes por conta da aplicação excessiva destes produtos que são danosos para a saúde de quem os manipula e a de quem os consome.

Jonas, sugere que mediante o desenvolvimento agrícola, o conceito de natureza perde a sua primazia, a sua essência e se torna apenas um meio cujo objetivo principal é gerar lucro para o agronegócio.

Acerca da importância que a natureza tem para a vida humana, alerta o Papa Francisco, (2015, p. 36):

Em alguns lugares, rurais e urbanos, a privatização dos espaços tornou difícil o acesso dos cidadãos a áreas de especial beleza; noutros, criaram-se áreas residenciais “ecológicas” postas à disposição só de poucos, procurando-se evitar que outros entrem e perturbem uma tranquilidade artificial. Muitas vezes encontra-se uma cidade bela e cheia de espaços verdes e bem cuidados em algumas áreas “seguras”, mas não em áreas menos visíveis, onde vivem os descartados da sociedade.

A sociedade está presa àquilo que é produzido pelas suas ações e não pelo que lhe é dado pelo próprio espaço físico, pela natureza. A partir disso, formam-se indivíduos alienados em suas próprias ações, incapazes de estar abertos aos bens oferecidos pela mãe-terra. Com isso, quem ganha com a influência dos indivíduos na natureza são aquelas pessoas que têm como se manter. Por outro lado, já a parte da sociedade que não tem acesso a esses favorecimentos, fica de lado, abandonada sem nenhum recurso para poder viver uma vida digna. Essa ética vai em contraposição à ética apresentada pelo teórico.

Nas palavras de Oliveira (2013, p. 20) “[...] como a natureza é radicalmente desprovida de interesses, também o é de vontade, permanecendo como algo (objeto) aleatório sobre o qual a pessoa (sujeito) age como única portadora de vontade.” Dado o conhecimento acerca da importância da natureza para sociedade, a pessoa tem total acesso sobre ela, mas age de forma inconsequente, tratando-a como objeto.

Em sua obra “Princípio Responsabilidade”, Jonas faz outra crítica ferrenha ao que chama de ideal baconiano e utopia marxista. Segundo o teórico, o ideal baconiano é formado da seguinte forma (JONAS, 2006, p. 235):

O que chamamos de programa baconiano – ou seja, colocar o saber a serviço da dominação da natureza e utilizá-la para melhorar a sorte da humanidade – não contou desde as origens, na sua execução capitalista, com a racionalidade e a retidão que lhe seriam adequadas; porém, sua dinâmica de êxito, que conduz obrigatoriamente aos excessos de produção e consumo, teria subjogado qualquer sociedade, considerando-se a breve escala de tempo dos objetivos humanos e a imprevisibilidade real das dimensões de êxito (uma vez que nenhuma sociedade se compõe de sábios).

Verificando o crescimento da técnica e seu uso na modernidade, pode-se perceber que o ideal baconiano, de dominação da natureza, vem resultando com grande êxito, mas também, segundo o especialista, com grandes perigos e visíveis danos, gerando assim, várias consequências negativas para a natureza e para a vida humana (JONAS, 2006). Diante da ameaça que se apresenta a partir do programa baconiano é de suma importância ter em vista o que isso pode acarretar para a humanidade, se esse ideal não for contido.

Para Jonas (2006, p. 235), “A ameaça de catástrofe do ideal baconiano de dominação da natureza por meio da técnica reside, portanto, na magnitude do seu êxito. Esse êxito tem duplo aspecto: econômico e biológico. A inter-relação de ambos, que conduz necessariamente à crise, é hoje patente.”

Quanto ao êxito econômico, sua lógica está ligada à multiplicação da produção de bens *per capita* ligada a quantidade e variedade, reduzindo de forma significativa a mão de obra humana, levando a uma crescente elevação do bem-estar social, para um número crescente de indivíduos, e conseqüentemente a um involuntário crescimento no consumo no interior do sistema (JONAS, 2006).

O êxito econômico criticado por Jonas, apresenta um grande perigo para a sociedade, pois este visa somente os resultados imediatos, e não tem um olhar no que se refere ao futuro. Já que, com o uso desenfreado dos recursos naturais, não existirão nutrientes suficientes para as futuras gerações, que dependerão desses recursos para sua sobrevivência. Esse modo de pensar bate de frente com o que o autor defende. Resta evidente que, se as pessoas continuarem com a sua ação predatória e inconsequente, a sua própria sobrevivência estará em risco.

Outro aspecto sobre o qual Jonas alerta a humanidade é o êxito biológico. Segundo ele, o aumento numérico desse corpo coletivo metabolizante representa um grande perigo, ou seja, o crescimento exponencial da população na esfera de influência da civilização técnica, estendendo-se por todo o planeta também merece atenção. Esse

crescimento exacerbado da população repercute, acelerando o seu ritmo e multiplicando os seus efeitos, e isso impede de decidir-se por uma parada (JONAS, 2006).

Frente a esse problema, acarretado pelo êxito biológico, entendido como crescimento populacional, Jonas sinaliza que a humanidade vai se tornando cada vez mais miserável, impedindo uma melhora no nível da qualidade vida, à medida que cresce a população que será assim conseqüentemente mais pobre.

Esse crescimento faz com que o planeta não dê conta de sustentar a população, pois a natureza não conseguirá fornecer nutrientes suficientes para que os indivíduos possam sobreviver. Portanto, é necessário manter um certo controle no que se refere ao êxito biológico, para que a humanidade não se prejudique.

Jonas quer demonstrar, que além do fator biológico do projeto baconiano acelerar e expandir o sucesso econômico, também aumenta a pobreza. Pois, diante do aumento populacional, os indivíduos se tornam cada vez mais antropocêntricos e ensimesmados. No afã de ter mais e da necessidade aparecer e se diferenciar, buscase uma vida com abundância e de prazeres materiais, levando ao consumo exagerado e, por conseguinte, ao descarte dele decorrente. Descarte de lixo e dos que não tiveram ou têm acesso a esses bens. Para atingir esses fins, os recursos naturais são explorados à exaustão, segundo os interesses econômicos, no intuito de satisfazer e priorizar as necessidades biológicas dos homens (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2016).

A propósito desta situação, alerta Jonas (2006), a sociedade precisa tomar consciência e agir de maneira mais solidária e sustentável. Mais do que nunca precisa tomar consciência de que, se não passar a pensar na coletividade, o planeta irá entrar em colapso, resultando na precariedade do modelo de vida, ou até mesmo em sua destruição.

A segunda forma de utopia criticada por Jonas é a marxista. Segundo ele, o marxismo não entra em sua formulação ética, pois coloca a tecnologia “[...] como elemento primordial na busca desenfreada pela produção e pelo trabalho que levariam à abundância de bens para todos” (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2016, p. 283). Segundo Jonas, o ideal de mais produção, com o auxílio da tecnologia, não sinaliza nenhuma prudência no que se refere aos avanços das indústrias e do domínio da natureza,

caracterizando, tal como o capitalismo evidente insensibilidade ou despreocupação com as consequências para o meio ambiente.

“Em suma, o marxismo é, quanto à sua origem, um herdeiro da revolução baconiana, compreendendo-se como seu testamenteiro – aliás, como melhor testamenteiro do que o capitalismo, pois mais eficiente” (JONAS, 2006, p. 241).

Destarte, à luz dessas duas correntes de pensamento, é de suma importância refletir acerca da proposta de Jonas em seu “princípio responsabilidade”. Mas, para que isso possa se concretizar será necessário uma “ressignificação” no agir humano.

Outro aspecto das preocupações jonasianas com relação à responsabilidade diante do uso desenfreado da tecnologia, refere-se ao processo de alienação que dele decorre.

4 A ALIENAÇÃO DA HUMANIDADE PELA TECNOLOGIA

A civilização tecnológica vem enfrentando diversos contratempos que interferem diretamente no espaço no qual os indivíduos estão inseridos. Um deles é a alienação da humanidade causada pela tecnologia. Esta situação embaraçosa vem afetando de forma significativa a natureza humana e consciência de si dos indivíduos.

A sociedade está se tornando cada vez mais alienada, onde a técnica age de tal maneira que as pessoas perdem a sua própria essência, seu próprio modo de pensar e agir, pois com a influência das tecnologias (especialmente as das redes sociais), os seres humanos estão se tornando cada vez mais “objetos” da sua própria prática, com o avanço da *techné*. Diante dos danos que a técnica pode causar no agir dos homens, pode-se afirmar que:

A natureza e a complexidade do “ecossistema tecnológico” hoje implantado e cada vez mais dominante encerra implicações várias: resultando da cientificação progressiva da técnica (com a conseqüente e enorme capacidade evolutiva), operou uma transformação radical do trabalho, da vida social, do tempo livre e de quase todos os aspectos da nossa cultura; levou à unificação da Terra e dos homens, substituiu o “meio natural” pelo “meio técnico”, suscita o problema da direção do futuro, exige regulações de um sentido da existência, em contraste com que o tal processo civilizacional e histórico se transmuta aparentemente em “destino”, pois a técnica deixou de ser a fonte e o conjunto de artefatos para se tornar o nosso habitat, nossa envoltura e complemento indispensável (MORÃO, 1999, p. 2).

Perante esse emaranhado contexto em que a sociedade está inserida deve-se ter uma visão mais crítica e atenta no que diz respeito à “vida” da humanidade e da importância da sustentabilidade. Pergunta-se: será que a presença intensa da tecnologia por meio das redes sociais está causando danos para a vida da sociedade? Jonas procura formar uma ética da responsabilidade justamente para combater toda espécie de desastre que a espécie humana pode acarretar para si, para a natureza e para seus descendentes (JONAS, 2006). Não se pode perder o horizonte da vida, que está cada vez mais sendo assolado pela tecnologia, onde aquilo que era natural, está se tornando objeto da técnica.

Segundo Boff (1999, p. 22), “[...] a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga”. Com a elevação da técnica forma-se seres humanos incapazes de ter domínio diante de seus anseios e a técnica se torna cada vez mais uma fuga, onde essas pessoas que realizam essas práticas não querem ter contato com outro e nem com seus problemas: as redes sociais estão se tornando ao longo do tempo uma ferramenta que se não for usada de forma correta pode gerar resultados negativos para seus usuários.

De acordo com Cereser e Camargo (2009, p. 90), “A falta de controle e a incerteza sobre quem dispõe ou tem acesso aos dados pessoais ultrapassa o poder de escolha que delimita e define a esfera pessoal de cada ser humano, pondo a nu o mais íntimo de forma avassaladora”.

Isto posto, vislumbra-se que, se os indivíduos não agirem eticamente diante das redes sociais pode ocorrer uma série de problemas que põe em risco a vida humana, pois, com o mau uso da internet os usuários perdem a consciência de seus atos gerando danos para si e para o seu semelhante, tais como injúria e difamação, furto de dados, criação de perfis falsos, apologia ao crime, entre outros problemas acarretados pelo mal uso da internet.

Essa problemática no que se refere à tecnologia como agente alienador da natureza humana se estende também ao espaço físico pois, o homem está posto diretamente na natureza, e este deve agir moralmente, para o seu bem e o das gerações vindouras. Mas para que os indivíduos possam agir prezando e cultivando esses valores e princípios éticos, é preciso que eles se libertem da alienação que vem corrompendo diretamente o seu operar consigo e com o ambiente.

Não resta dúvida, de que a sociedade está cada vez mais envolvida e dependente da tecnologia, pois muitas vezes ela serve como uma espécie de “fuga” para alguns, que em diversos casos são incapazes de enfrentar a vida como de fato ela é, e, para os quais é frequentemente mais cômodo se debruçar sobre esse mecanismo de defesa que, usado de forma inadequada serve para engendrar a consciência dos entes.

Além da alienação de si provocada pelas redes sociais, existe também outro tipo de alienação, aquela que resulta da ausência de consciência das consequências de suas ações com relação ao meio ambiente, ao uso da tecnologia. O desmatamento, o exaurimento dos recursos naturais como se fossem inesgotáveis, são uma forma de alienação, como a indiferença quanto às consequências do descarte dos lixos tecnológicos, ou até mesmo, a falsa ideia de que a tecnologia é a solução para todos os problemas, eximindo-se de sua responsabilidade no uso irracional da *techne*.

O desmatamento e exaurimento dos recursos naturais contribui fortemente para a crescente fragilização do cosmo pois, a partir dessa ação gera-se diversos danos para o ambiente natural como o aquecimento global, a extinção das espécies animais e das reservas florestais, a extinção das nascentes, entre vários outros fatores, comprometendo as possibilidades de vida futura.

5 A IMPORTÂNCIA DA SUSTENTABILIDADE EM MEIO AO GRANDE AVANÇO TECNOLÓGICO

Para bem iniciar a reflexão acerca do tema da “sustentabilidade”, primeiramente é preciso saber como este princípio surge: “[...] o princípio da sustentabilidade, surge com a globalização, em que a sustentabilidade é a capacidade do sistema de manter o seu estado constante no tempo, a tal ponto de incorporar a problemática da relação x natureza” (ROOS, BECKER, 2012, p. 864). Diante do surgimento do princípio sustentabilidade, pode-se discernir a grande importância que ela tem para a vida de todos os seres vivos e da sua inegável relevância para a continuidade da vida, conforme alerta Jonas (2006).

Tendo em vista a sustentabilidade para contexto no qual a sociedade está inserida, leciona Leonardo Boff (1999, p .74):

Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional,

ao preservar para as sociedade futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

A ética jonasiana visa sempre o cuidado com o meio no qual os seres humanos estão inseridos e isso supõe práticas sustentáveis. É de suma importância se perguntar como os indivíduos estão lidando com a tecnologia no que tange à sustentabilidade, pois é algo sobre o que poucas pessoas refletem. No entanto, é necessário averiguar de forma urgente sobre quais as ações que os seres humanos desempenham. É imprescindível que a civilização tecnológica tenha consciência dos problemas que ela gera para si mesma. Portanto, se faz necessário elaborar uma nova ética, que preze por aquilo que Jonas defende, nas palavras de (SCHIO, 2010, p. 171):

A ética, neste sentido, afirma a necessidade de preservar o espaço da humanidade, espaço que é político, o qual permite a discussão sobre o mundo, na busca de compreensão sobre ele e sobre os seus fatos, novos. É preciso, então, que cada ser humano não se “feche” dentro de si próprio ou de seu trabalho, de suas necessidades ou preferências.

A proposta de Jonas vai sempre em direção à unificação dos seres humanos, alertando que é preciso que os indivíduos possam ajudar-se uns aos outros, visando sempre o que acontece ao redor de si, mas sempre lançando sua vista para o futuro, ou seja, não ficar preso apenas ao aqui e agora, mas ter um olhar atento e cuidadoso para aquilo que está por vir. Os indivíduos, segundo a concepção de Jonas, devem ser a todo momento “cautelosos” com suas ações e as possíveis consequências que delas podem advir, comprometendo a sustentabilidade. Mediante a constante intervenção da tecnologia em seu meio, toda a humanidade perecerá, por isso é de grande importância ressignificar todas as ações que não vão de encontro à preservação da vida e do planeta (JONAS, 2006).

Segundo Santos e Horn (2016, p. 212),

O desenvolvimento sustentável, na forma em que foi concebido no Relatório Brundtland e em suas medidas, não trabalha a questão emblemática, ou seja, essa insatisfação humana alimentada pelo subsistema econômico. Nem no sentido de remodelar o capitalismo e seu processo produtivo de consumo, com suas nuances antes traçadas, nem visualiza outro modo associativo de produção e aproveitamento da genialidade humana. Por essas razões, o desenvolvimento sustentável parece ser compreendido como uma utopia, os problemas sociais e ambientais como as distopias dos tempos correntes.

A sustentabilidade, de modo algum pode ser denominada como uma espécie de utopia. Na medida em que a sociedade toma consciência da importância da sustentabilidade, o seu conhecimento deve se traduzir em projetos e ações concretas

de cuidado e preservação dos espaços físicos, priorizando a vida e não apenas o ganho financeiro.

Conforme preocupações manifestadas por Jonas em sua obra (2006) e dos alertas dos outros autores citados neste trabalho, parece que a sociedade, de modo geral, preza mais o utilitarismo e pragmatismo em vista dos resultados imediatos, sem preocupação com a preservação do espaço físico. E, como esses tecnocratas só pensam em dinheiro, em dominar, todo o resto é bobagem ou impossível (utopia). Para explorar a terra e seus recursos naturais, e até os seus semelhantes, não há obstáculos e nem faltam recursos. Daí a urgência da sensibilização para a questão da sustentabilidade.

Ao analisar a transcendência da sustentabilidade, é imprescindível relembrar o que já foi dito anteriormente, que com o avanço da tecnologia a sociedade se torna cada vez mais desigual. Em outras palavras, a sustentabilidade é, também, uma forma de incluir e fazer justiça aos menos favorecidos e excluídos do sistema. Eis a exigência ética emanada de Jonas (2006).

5.1 AS EXIGÊNCIAS ÉTICAS DECORRENTES DO PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE PARA AS GERAÇÕES FUTURAS

Jonas (2006) defende de forma veemente a preservação das gerações futuras. O autor orienta a sociedade atual a ter um olhar sobre a natureza, a humanidade e sobretudo sobre as gerações futuras, pois estas são o futuro que está ligado à continuidade da vida da espécie humana na terra, mas para que isso aconteça é necessário transmutar algumas práticas que não cooperam para que os entes posteriores possam desfrutar deste espaço no qual a sociedade está inserida e que supre as necessidades dos seres humanos, gerando assim, um lugar cômodo para a mesma.

Mas, para que possa prosseguir com a vida da humanidade é necessário que as pessoas estejam conscientes sobre suas ações, pois com o avanço das tecnologias o ser humano pode perder o controle sobre si. No tocante à técnica, há vários fatores acarretados por ela que não são benéficos para a vida da natureza humana e nem para o planeta, e não somente por causa dela, mas por outros fatores, que provêm da intervenção da raça humana que não contribui para a vida.

Jonas em seu pensamento faz uma crítica tenaz no que se refere à prática antropocêntrica. Segundo o autor, para que se possa ter uma sociedade ética sustentável, que vise o cuidado com a vida e com o meio ambiente, é necessário renunciar a várias ações que não visem a coletividade. No entanto é conveniente a prática de ações múltiplas, e não de indivíduos que pensem somente em si, no seu bem-estar, mas no coletivo; é inaceitável que as pessoas queiram o bem para si próprias e não pensem no seu semelhante (JONAS, 2006).

A sociedade está passando por diversas mudanças de mentalidade sobre suas ações no que diz respeito à natureza, que de forma inconsequente, vem gerando danos para o espaço físico, para si e para os seus pósteros. Diante de tal influência no que tange ao meio ambiente e para a sua preservação, o professor Murad (2012, p. 141) orienta:

[...] o ser humano intervém incisivamente sobre o meio ambiente, e o modifica, à medida que faz cultura e cria civilização. Considerando-se “senhor da natureza”, age muitas vezes de forma equivocada, como a madrasta má de um conto de fadas. Sem consciência do resultado de seus atos, promove a destruição do ciclo da vida. Por isso torna-se cada vez mais urgente resgatar nossa dimensão filial e fraterna em relação ao meio ambiente. Isso se traduz por uma expressão simples e bela: *cultura do cuidado*. Implica superar a visão utilitarista e imediatista e promover a sustentabilidade, para que o planeta continue habitável e a humanidade tenha um futuro viável.

Em relação ao desenvolvimento progressivo da intervenção do ser humano no meio ambiente, Jonas tem um olhar no que se refere à proteção e preservação do *cosmo* (universo), visando sempre a preservação do mesmo para as gerações futuras. É de suma importância que a sociedade possa sair do “ego-sistema”, onde todos pensam apenas em si mesmos, e passar para um “ecossistema”, onde todos estão interligados, pois a sociedade e a natureza são como um corpo humano: se uma parte dele adoece todo o corpo sofre. Para exemplificar esse problema pode-se utilizar a biologia: na biologia se uma célula do corpo se fecha, ela morre, as células precisam estar semiabertas, se abre também morre, para que elas possam viver necessitam permanecer entreabertas.

Dado à preocupação de Jonas com relação às gerações futuras, adverte Gorbachov (2003, p. 2): “[...] a escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da terra e uns dos outros ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida.” No tocante ao problema acerca do cuidado em relação as gerações futuras, é preciso analisar de forma contundente as práticas que não vão de encontro à preservação e permanência da continuidade da vida no planeta.

Para Hans Jonas não é mais possível confiar em éticas intuicionistas, nem nas éticas deontológicas como a de Kant. Para ele, faz-se necessário reformular o imperativo categórico de Kant que dizia: “Age de tal maneira que o princípio de tua ação se torne uma lei universal”; Jonas propõe um novo imperativo que diz; “ Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autêntica” ou “ não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na terra” (JONAS, 2006, p. 47-48). Segundo Jonas, é preciso fazer essa reformulação do imperativo categórico de Kant que defendia, a relação antropocêntrica, ou seja, relação de indivíduo com indivíduo, aqui a natureza não tem valor nenhum, só serve como fonte de retirada dos benefícios que ela pode oferecer para a pessoa.

Por outro lado, conforme inúmeras vezes apontado, o imperativo proposto por Jonas, abarca o cuidado com a espécie humana, com o espaço físico e com as gerações futuras. Segundo ele, o futuro da humanidade deve ser incluído politicamente nas escolhas do presente. A geração de hoje tem um dever para com o que ainda não existe. Assim, do ponto de vista da educação ambiental, a sociedade não pode abrir mão de um agir baseado na atenção com o meio ambiente e com as gerações futuras, sendo desta forma, um meio efetivo de preservação da vida.

Jonas traz à tona a preocupação com o ser que foi colocado de escanteio após o período niilista, e questiona o poder que o homem tem em destruí-lo, assim como já destruiu vários biomas e inúmeras espécies de animais. O homem tem a capacidade e força para destruir o mundo com o uso de bombas atômicas e outros poderes bélicos. Diante desse cenário, o que ele questiona é que, se nós temos capacidade suficiente para destruir, por que nós temos que cuidar? E a resposta se dá pelo fim básico do ser humano (seres dotados de razão): nós somos os únicos seres vivos capazes de realizar tal cuidado (JONAS, 2006).

Por fim, urge uma preocupação coletiva acerca do desafio da sustentabilidade em vista da sobrevivência do planeta. Neste sentido, ensina Pinto (2007, p. 85): “Sendo assim, mais que tornar o modelo de desenvolvimento sustentável, precisamos redefinir as bases de nossa sociedade, de forma a torná-la mais justa, onde todos tenham acesso necessário para sua sobrevivência”. Mas para que isso aconteça, é necessário que a sociedade enquanto tal, “ acorde”, especialmente diante do acúmulo de riquezas por parte de alguns e das condições precárias em que vivem muitos seres humanos, comprometendo a sustentabilidade. Para que o sistema da sustentabilidade

possa “funcionar”, uns precisarão abrir mão de grande parte de suas riquezas, para que possam viver apenas com o necessário, gerando assim, uma “igualdade” entre os que têm muito, com os que não têm nada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da obra “Princípio responsabilidade” de Hans Jonas (2006), resta claro que à civilização tecnológica urge priorizar aquilo que está diretamente ligado ao seu bem-estar evitando ações que não contribuam para a sua vivência na terra.

Perante o grande desenvolvimento e uso da tecnologia, que vem assolando de forma avassaladora os seres humanos e a vida no e do planeta, causando também a sua alienação, pela qual os indivíduos são transformados em “títeres”, ou seja, manipulados pela ciência e não conseguem responder ou até mesmo agir de forma autônoma, ficando “presos” nesse emaranhado proporcionado pela técnica.

Constata-se que é necessário e urgente que o homem repense suas ações para que possa continuar existindo a vida humana genuína. Para isso, sugere que é preciso agir de maneira coletiva para que, a partir daí praticar-se ações que prezem por todos os indivíduos do presente e por aqueles que estão por vir, que ainda não tiveram a oportunidade de desfrutar dos bens que o espaço físico pode proporcionar.

Diante dessa reflexão, é imprescindível ter um meio termo no que se refere à natureza, pois, assim como as células do corpo que estão sempre em sintonia, a sociedade para preservar a si mesma, necessita estar em consonância com o meio ambiente. É urgente que a população se coloque a considerar que ou se salvam todos, ou morreremos todos. É preciso criar uma conexão, pois cada um é parte, mas parte de um todo. Os homens, as plantas, os animais e tudo o que existe, inclusive a própria terra e até o cosmos formam um sistema integrado.

Perante todo esse arcabouço oferecido pela análise da obra de Jonas, pode-se ter uma certa expectativa no que se refere à mudança de uma sociedade que tem prezado somente o seu próprio bem, em detrimento da vida do planeta. A partir do pensamento do teórico, não se pode dar prosseguimento a esse comportamento antropocêntrico, defendido por várias correntes de pensamentos egoístas. Mas sim, uma ética pautada na responsabilidade. E responsabilidade com o espaço físico, com

a espécie humana e com a manutenção das gerações futuras, favorecendo a continuidade e a permanência da vida humana no planeta.

No entanto, para que isso possa se efetivar, será preciso trazer à tona a importância da sustentabilidade, o que implica em mudanças bastante radicais e profundas no modo de produzir a subsistência, dando preferência para o que é natural, contribuindo para a integração de um “planeta sustentável”, que possa ser possivelmente livre do aquecimento global, dos agrotóxicos entre outros aspectos que não contribuem para a continuidade de uma vida saudável e sustentável. Enfim, será preciso que a sociedade aprenda a distinguir a transcendência daquilo que provém da natureza e do que é industrializado.

É uma longa jornada até que isso possa se concretizar, mas é de grande relevância, discutir acerca dessa possibilidade de mudança. Mudança esta, que pode acarretar resultados positivos, tanto para a sociedade, quanto para o espaço físico.

REFERÊNCIAS

BATTESTIN, Cláudia; GHIGGI, Gomercindo. **O princípio responsabilidade de Hans Jonas**: um princípio ético para os novos tempos. Fragmento (p. 69- 85) do artigo publicado em Thaumasein, Ano III, número 06, Santa Maria, outubro de 2010.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH – USP, 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Compaixão de Jesus – romper com a indiferença: Ecologia integral. In: _____. **Campanha da Fraternidade 2020**: texto-Base. Brasília: CNBB, 2019.

CUNHA, Mario Sergio Alencastro; MOSER, Alvino. **A contribuição da ética de Hans Jonas para o campo da educação ambiental**. XANPED Sul, Florianópolis, outubro de 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GORBATCHOV, Mikhail. **Carta da terra**. Palácio da Paz, em Haia, no dia 29 de junho de 2000. Disponível em: <<https://www.tjpr.jus.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. RJ: Contraopondo /PUC-Rio, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MORÃO, Artur. **A técnica como problema filosófico**: linhas de reflexão actual (1999). Disponível em:<<https://www.lusosofia.net.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012. (Coleção peregrina na fé).

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEZZELLA, Maria; CAMARGO, Ricardo. Sociedade da Informação e as redes sociais. **Juris - Revista da Faculdade de Direito**, ISSN: 1413-3571, E-ISSN: 2447-3855, Rio Grande/RS, Brasil, 2009 – Disponível em: <<https://www.revistajuris.furg@gmail.com/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

PINTO, Bruno. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

ROBERTO, Jelson. O homem como objeto da técnica segundo Hans Jonas: o desafio da biotécnica. **Problemata** – Rev. Int. de Filosofia. Vol. 04. No. 02. (2013). p.13-38, ISSN: 1516-9219. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

ROBERTO, Jelson; SÉRGIO, Paulo. A dimensão utópica da técnica moderna: a crítica de Hans Jonas ao programa baconiano e à teoria marxista. **Problemata: Rev. Intern. Filosofia**. v. 7, n. 1 (2016), p. 273-274 ISSN 2236-8612 - Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.

ROOS, Alana; BECKER, Elsbeth Leia Spode. Educação Ambiental e Sustentabilidade. **Revista eletrônica em gestão, educação e tecnologia ambiental**, v. 5, n 5, p. 857 – 866, 2012. REGET/UFMS (e-ISSN: 2236-1170). Disponível em: <<https://educambientalatuc.blogspot.com/2018/03/artigo-educacao-ambiental-e.htm?m=1/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

SANTOS, Juliano Viale dos; HORN, Luiz Fernando de Rio. Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade. In: OLIVEIRA, Marcia Maria Dosciatti de et al. (Orgs.). **A educação e a conscientização ambiental no desenvolvimento sustentável**. Caxias do Sul: EducS, 2017. p. 200-226. Disponível em: <<https://www.ucs.br/>>. Acesso em: 24 set. 2020.

SANTOS, Robinson. O problema da técnica e a crítica à tradição na ética de Hans Jonas. **Revista Dissertatio de Filosofia**, 2009. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020

SCHIO, Sônia Maria. A ética da responsabilidade em Arendt e Jonas. **Revista Dissertatio de Filosofia**, 2010. Disponível em: <<https://www.ufpel.edu.br/textos/>>. Acesso em: 19 maio 2020.